

Biotecnologia além da fronteira médica

» HUGO SIGMAN
Médico psiquiatra, fundador do Grupo Insud



A história das revoluções industriais é bem conhecida. Resumindo: a primeira revolução industrial foi a da máquina a vapor; a segunda, a da eletricidade e a terceira, a das comunicações. A quarta revolução é a que estamos atravessando agora, e não se trata apenas de tecnologia de dados e internet das coisas.

Trata-se, nas palavras de quem cunhou o conceito, o fundador do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, da “fusão de tecnologias que estão apagando as linhas entre físico, digital e biológico”.

A biotecnologia é parte vital deste processo. Nas últimas décadas, avançou mais do que qualquer outra área científica e tecnológica. Para a América Latina, esse campo de ação que revoluciona a produção de alimentos, materiais, energia e tratamentos médicos, representa uma oportunidade única.

A biotecnologia é usada, praticamente, desde o começo da história da humanidade. Podemos defini-la como a utilização de agentes biológicos (bactérias, leveduras, fungos e vírus) para criar produtos novos ou modificar os que existem. O vinho, cuja origem os antropólogos situam no neolítico, é resultado do processo de fermentação produzida pela ação metabólica das leveduras, ou seja, é um processo biotecnológico. O iogurte, a cerveja ou os antibióticos também são exemplos de desenvolvimentos biotecnológicos.

A biotecnologia moderna vai além, já que permite, por meio da engenharia, transferir genes de um organismo para outro e, assim, modificar células ou bactérias para que comecem a produzir algo que antes não produziam.

Uma parte da opinião pública desconfia de algumas dessas inovações, argumentando que produzem efeitos negativos sobre a saúde, o ambiente e a economia. No entanto, há nesta desconfiança um dado chamativo: onde mais se observa essa resistência é no âmbito da agricultura, ou seja, na produção de alimentos, sobretudo com relação aos cultivos transgênicos.

A medicina, por outro lado, está desenvolvendo, há muitos anos, uma grande quantidade de medicamentos biotecnológicos, aplicados com enorme êxito e que ninguém questiona, para tratar anemia, câncer, artrite reumatoide, osteoporose, doenças raras, etc.

Apesar da resistência, a experiência demonstra que a aplicação de desenvolvimentos biotecnológicos na agricultura deu grandes resultados. Permite produzir mais alimentos na mesma superfície, gerar produtos mais nutritivos e, em alguns casos, utilizar menos agroquímicos e fertilizantes. Em um mundo em que a população cresce, a demanda por alimentos será maior e a biotecnologia contribui para satisfazer essa necessidade cuidando do meio ambiente.

O plantio direto, a técnica associada ao uso

de sementes geneticamente modificadas, reduz o impacto ambiental da agricultura tradicional e contribui para preservar os solos.

Na América Latina, a biotecnologia tem mostrado um grande potencial para melhorar a eficiência da agricultura. A primeira década do século 21, a de maior crescimento da região desde os anos 1970, se explica, entre outras coisas, pela conjugação dos altos preços das matérias-primas com a incorporação massiva de tecnologia à produção agropecuária.

O desafio para a América Latina e, em particular para os países com setores agropecuários dinâmicos e competitivos como Argentina e Brasil, agora passa também pela capacidade de gerar desenvolvimentos biotecnológicos próprios. Há uma interessante quantidade de projetos com boas possibilidades de prosperar, que permitiriam substituir importações e criar empregos.

A pesar de que, na maioria dos casos, esses projetos ainda precisam percorrer um longo caminho para se consolidarem em escala sustentável, o potencial é enorme.

Caso digno de nota é o desenvolvimento da soja e do trigo tolerantes à seca. Trata-se do HB4, que permite que cultivos sobrevivam melhor a solos salinos e superem períodos de seca com menor perda de desempenho.

Para que esse tipo de iniciativa avance, o primeiro desafio das empresas de base biotecnológica é obter financiamento para ter acesso

à infraestrutura, aos insumos e a equipes profissionais com as quais possa conseguir um produto disruptivo e com possibilidades de chegar ao mercado. É essencial aproximar os cientistas (muitos instalados em universidades ou instituições públicas) ao setor privado, que conta com os recursos, mas também com a experiência de mercado.

Os fundos de investimentos, mais dispostos a assumir riscos do que os empresários tradicionais, são uma ferramenta nos momentos iniciais. O Estado é vital para criar as condições adequadas para que esses projetos prosperem mediante regulação previsível, políticas públicas setoriais eficientes e bem focadas e estratégias para estimular o setor, começando pela formação de talentos em disciplinas como biologia, química, genômica, ciência de dados e bioinformática.

A América Latina estará na linha de frente da biotecnologia mundial? É possível ver o potencial, o empenho e o desejo e o bom nível dos profissionais, a solidez da base empresarial em alguns setores estratégicos e uma consciência, cada vez maior, sobre a importância da biotecnologia para o futuro.

Agora, a questão é aumentar os recursos em pesquisa e desenvolvimento, tanto públicos quanto privados, e debater o tema de forma transparente, para construir consensos e estar à altura de uma oportunidade que não vai durar para sempre.

O desafio empresarial não é ser ESG, mas sim LESG

» CÉSAR SOUZA
Presidente do Grupo Empreenda, consultor, palestrante, professor e escritor

As letras ESG (da sigla em inglês para meio ambiente, responsabilidade social e governança, em tradução livre) estão em evidência e são importantes do ponto de vista de gestão e, sobretudo, na percepção do mercado financeiro. Fundos de investimentos estão avaliando as iniciativas ligadas às siglas para o direcionamento de seus recursos. Além disso, o mercado também tem considerado o ESG nas empresas candidatas à abertura de capital.

Partindo dessa perspectiva, adotar esse conjunto de práticas pode ajudar na constituição de uma reputação cidadã e até agregar valor. O ESG também tem sido utilizado em campanhas publicitárias para atrair talentos, bem como conquistar e fidelizar clientes. De forma semelhante às empresas que anunciavam uma nova certificação ISO, começa a aparecer como assinatura de algumas marcas a expressão: “Somos uma empresa ESG”.

Contudo, embora tenha relevância significativa, o ESG, por si só, está longe de resolver os desafios da sobrevivência das organizações e assegurar o desempenho da operação em meio às imensas adversidades do presente ou, até mesmo, de garantir a continuidade dos negócios no longo prazo. No mundo corporativo, as panaceias têm vida curta, embora, muitas vezes, no momento inicial da onda, sejam abraçadas com entusiasmo.

Em um momento complexo e rico em incertezas de toda ordem, as empresas não podem ter visão reducionista da realidade na árdua luta para garantir a sustentabilidade dos seus negócios. Ser ESG é uma obrigação e se trata de algo realmente necessário. Porém, ser ESG não é suficiente.

O ponto é que defendo incisivamente um mindset mais abrangente no comando das empresas. Isso significa dizer que a sigla ESG

precisa ser complementada com outras letras e, se buscarmos simbologia em um elemento geométrico, certamente não estamos falando de um simples triângulo.

O vetor mais importante ou, até mesmo, central dentro de qualquer modelo de gestão é a Liderança, com “L” maiúsculo. Sem isso nenhuma empresa se autossustenta no longo prazo. Afinal, quantas vezes não vimos práticas ambientalmente amigáveis e socialmente responsáveis se dissolverem no enfrentamento da primeira crise? Há muitos exemplos em que o encolhimento do orçamento, infelizmente, varre conceitos altruístas. O que pode manter esse tripé da ESG ativo e o negócio vivo é a presença de líderes em quantidade e qualidade necessárias para executar a estratégia da empresa ou pilotar o imprescindível turnaround.

Dessa forma, sempre que perguntam minha opinião sobre o projeto de transformar a organização por meio do ESG, incluo enfaticamente a letra “L”. Até apelei para uma forma lúdica, dizendo que prefiro o “LESG” ao ESG. Já ouvi alguns argumentarem que a Liderança estaria dentro da Governança. Pode até estar num esforço conceitual, mas essa tese não se sustenta na prática.

Muitas organizações bem “arrumadinhas” fracassam porque seus líderes são mais gestores do status quo do que transformadores na velocidade tão exigida nos dias de hoje. São empresas bem organizadas, mas que patinam pela falta de líderes protagonistas e empreendedores comandando as ações do dia a dia.

O papel da liderança é tão importante e determinante que deve ser ressaltado e não ficar implícito ou “escondido”, sob grande risco de camuflar o esforço necessário para fazer as empresas superarem seus desafios.

A análise do tema não para por aí. Ao aprofundar o pensamento, sem esgotar a abordagem dos vários fatores que podem levar empresas a sucesso e à longevidade, entendo que mais três letras são fundamentais e não podem ser extraídas dessa equação. Estou falando do “C”, de cliente, “P”, de pessoas, e “R”, de resultados.

Nenhuma empresa será autossustentável no longo prazo se não tiver gestão eficaz da razão de ser de qualquer negócio: os clientes. Sabemos também que, sem políticas competentes para a gestão de Pessoas, capazes de atrair e reter talentos diferenciados, a empresa não sobrevive no médio prazo. E, atenção, não se engane: ainda não inventaram nada melhor que o binômio Clientes-Pessoas para gerar resultados quantitativos e qualitativos relevantes para o negócio. Repito que o ESG é muito necessário e fico feliz pelo fato de as empresas despertarem para a importância desses três fatores. Entretanto, é necessário a complementação com o CPR, além do fator liderança como fator de exponencialização.

Da mesma forma, para aqueles que argumentam que gestão de clientes, pessoas e resultados podem estar contemplados no conceito de boa governança, reitero o quão pode ser mais benéfico identificarmos com clareza cada um desses componentes. Assim, o guarda-chuva da palavra governança não tira a atenção que precisamos dar a esses fatores tão decisivos para o sucesso e sustentabilidade de um negócio.

Não há caminho fácil para se chegar ao “S”, de sustentabilidade. Ter o selo de “Empresa ESG” é um bom passo. Porém, proponho como próximo patamar promovermos a certificação de “Empresa ESG com Excelência na Gestão de Clientes, Pessoas e Resultados derivadas do seu Capital Liderança”.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Hidra de Lerna

Na mitologia grega, a Hidra de Lerna aparece como um monstro com corpo de dragão e várias cabeças de serpente, que habitava o grande pântano da Argólia. Quando cortada uma de suas cabeças, outras nasciam em seu lugar, o que significava ser esse um monstro impossível de ser vencido pela força humana.

Para alguns historiadores, essa seria uma alegoria que tentava explicar doenças como aquelas transmitidas por moscas ou mesmo pela água contaminada que matavam as pessoas por infecções microscópicas, bacteriológicas e outras enfermidades desconhecidas naquele período. De qualquer forma, a lenda dessa besta sobreviveu por dezenas de séculos, querendo significar ou reafirmar as limitações humanas frente a um problema, que, por suas características, se encontra num nível inalcançável para as pessoas comuns.

Tal ideia figurada pode muito bem ser transportada para os tempos atuais, em nosso país, para explicar a complexidade e mesmo a tarefa monumental que o combate à corrupção requer das forças humanas, uma vez que sua origem e defesa é feita justamente por pessoas poderosas e de grande preponderância junto aos governos. O cidadão comum, mesmo diante do entendimento de que essa é uma urgência nacional, se vê incapacitado e mesmo impediado de lutar contra esse monstro de múltiplas cabeças.

A corrupção, ao adquirir um status de problema sistêmico, se transformou numa Hidra de Lerna moderna que, se não for dizimada a tempo, fará toda a nação de vítima. Suas várias cabeças representam os diversos estamentos dentro da máquina do Estado, dominados e infectados por esse monstro.

Quando se combate um, outro nasce em seu lugar, tornando essa tarefa um trabalho apenas para os deuses. No nosso caso particular, esses deuses, ou pessoas extraordinariamente capacitadas para combater essa praga existiram por um breve período de tempo, mostrando ser possível enfraquecer e até matar essa Hidra que hoje habita o pântano da Praça dos Três Poderes.

Trata-se de uma tarefa sobre-humana ou, mais precisamente, suprapartidária. A questão é que todo esse trabalho tem, necessariamente, que ser iniciado dentro do Congresso, com a formação de uma bancada numerosa e disposta a pôr um fim ao monstro.

Ao que os brasileiros assistem hoje, entre inertes e impotentes, é a resistência ao combate a essa praga e até a sua defesa aberta, vinda justamente de quem menos se podia esperar esse comportamento malsão. Unidos nesse desdémio estão todos os Poderes da República, com o Judiciário na frente, e o Legislativo e o Executivo na retaguarda. As várias cabeças dessa Hidra são compostas ainda por empresários envolvidos na Lava-Jato e os mais caros escritórios de advocacia do país, o Tribunal de Contas da União (TCU). Há poucos dias, o ainda candidato e um dos paladinos no combate à corrupção Sergio Moro denunciou a trama que vem sendo levada a cabo para anular todas as sentenças oriundas da Operação Lava-Jato.

Aos poucos, cada procurador que atuou contra os poderosos vão sendo pressionados contra a parede. Pedidos de indenização em dinheiro por supostos abusos são facilmente referendados pela Justiça, como foi o caso da recente envolvendo Deltan Dallagnol e o chefe petista. Agora, novamente o TCU move ação contra Dallagnol por gastos em diárias durante a execução da Lava-Jato. Para ele, o que Tribunal de Contas está mostrando com essa decisão é que se tornou absolutamente perigoso combater a corrupção no Brasil. Além disso, toda essa movimentação de procuradores, indo e vindo de diversas partes do país, possibilitou a recuperação de mais de R\$ 15 bilhões desviados por essa sofisticada quadrilha formada por políticos e empresários.

Até este mês, R\$ 25 bilhões, não corrigidos haviam sido recuperados graças à atuação dos antigos procuradores da Lava-Jato, sendo que a Petrobras é uma das maiores beneficiárias dessa devolução. Para Deltan, qualquer cálculo simples de economicidade pode provar que a Lava-Jato foi boa para o país. Na opinião dele, o que há em todo esse processo, é uma clara retaliação e intimidação aos antigos procuradores. Querem, por todos os meios, caçar direitos políticos e punir quem ousou investigar poderosos da República.

A mensagem recebida pelos brasileiros que, bestificados, acompanham essas ações tortas é de que, futuramente, ninguém ouse combater a corrupção. Dallagnol diz que essa luta contra os corruptos só terá efetividade caso a população consiga eleger uma grande bancada dentro do Congresso comprometida com o combate à corrupção, o fim do foro privilegiado, o fim dos fundos partidários e eleitorais, a prisão em segunda instância e outras pautas de interesse da ética pública.

» A frase que foi pronunciada

“Os lugares mais sombrios do inferno são reservados para aqueles que mantêm sua neutralidade em tempos de crise moral.”

Dante Alighieri

Imobilidade

» Na Comercial da 307 Sul, um contêiner no meio da calçada impede cadeirantes de seguir caminho.

Honra ao mérito

» Amigos de dona Inas Valadares estão convidados a participar, no próximo dia 18, da homenagem às 70 pioneiras, no auditório do Centro de Convenções Ulisses Guimarães. A iniciativa é da Secretaria de Turismo.

» História de Brasília

Doutor Ataúlpa, há a informação de que a TCB vai suspender os ônibus do Gaminha, por falta de estrada. A conservação das molas está cara e a companhia está estudando uma maneira de suprimir a linha, se não houver melhora da pavimentação. (Publicada em 21/2/1962)